

PROBLEMAS E PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO BRASIL

Aurea Maria Paes Leme Goulart

Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação/UEM

Doutoranda pela Faculdade de Educação da USP-SP

O advento da sociedade capitalista desencadeou não apenas uma revolução nos meios de produção, mas uma conquista fantástica no que diz respeito à educação. O conhecimento, que na Sociedade Medieval estava direcionado para a conquista da vida eterna e, portanto, dirigido para firmar e fundamentar a fé, voltou-se para a busca da compreensão dos fenômenos da natureza, para a apreensão dos princípios das ciências naturais. O domínio e a aplicação dos conhecimentos adquiridos no sistema de produção garantiram à sociedade burguesa não só a supremacia social como a construção de um império de riquezas jamais sonhado pelos homens. Ainda que a sociedade como um todo tenha, ao longo do tempo, passado por diversas mudanças em sua organização sócio-econômica, é possível afirmar que o sistema capitalista ampliou seus domínios e, com raríssimas exceções, estendeu seus

ditames ao mundo todo. Porém o sistema capitalista de produção, mesmo tendo permitido à sociedade uma acumulação de capital extraordinária, no momento quando já poderia estar garantindo a sobrevivência de todos os habitantes do mundo, contraditoriamente está excluindo, cada vez mais, populações inteiras do processo de produção, forçando-as a uma vida sub humana, próximas da miséria total.

A sociedade está entrando na Terceira Revolução Industrial, ou seja, a da informática e das telecomunicações. RIFKIN (1995) aponta para os problemas que a sociedade contemporânea está enfrentando e demonstra que a apropriação da força de trabalho, a base de sustentação do sistema de produção capitalista, já está sendo descartada:

O desemprego global atingiu agora seu mais alto nível desde a grande depressão em 1930 (mais 2 de

75% da força de trabalho na maior parte das nações industrializadas está desempenhando funções que são pouco mais do que simples tarefas repetitivas). Só nos Estados Unidos, nos próximos anos, mais de nove milhões de empregos estão seriamente ameaçados de substituição pelas máquinas. N os setores da agricultura, manufatura e serviços, as máquinas estão rapidamente substituindo o trabalho humano e prometem uma economia de produção quase totalmente automatizada, já nas primeiras décadas do século XXI [...]. Na Europa, a preocupação com o aumento do desemprego está levando a tumultos sociais e ao surgimento de políticas neofacistas.

Ao referir-se à década de 80, SANTOS (1996) descreve com propriedade o perfil da organização social à qual estamos sujeitos:

[...] aprofundou-se, nos países centrais, a crise do Estado Providência que já vinha da década anterior e com ela agravaram-se as desigualdades sociais e os processos de exclusão social (30% dos americanos estão excluídos de qualquer esquema de segurança social) e de tal modo que estes países assumiram algumas características que pareciam ser típicas dos países periféricos. Daí o falar-se em terceiro mundo interior. Nos países periféricos, o agravamento das condições sociais, já de si tão precárias, foi brutal. A dívida externa, a desvalorização internacional dos produtos que colocam no mercado

mundial e o decréscimo da ajuda externa, levaram alguns destes países à beira do colapso. Na década de oitenta morreram de fome na África mais pessoas que em todas as décadas anteriores do século. [...] as assimetrias sociais aumentaram no interior de cada país [...] Esta situação que alguns festejaram ou toleraram como dor necessária do parto de uma ordem econômica finalmente natural e verdadeira, isto é, neoliberal, foi denunciada por outros como uma desordem selvática a necessitar ser substituída por uma nova ordem econômica internacional.(p.17)

Esta é a era da Qualidade Total, que, segundo OLIVEIRA (1995:59), é um momento portador de singularidade histórica, uma vez que se trata de um arranjo estrutural, de reestruturação capitalista, que, sem dúvida, se repercute de maneira *sui generis* na educação e, por consequência, na formação de professores.

Por que forças políticas que no passado se opunham ao investimento a ser feito tanto na formação de professores como na busca da qualidade de ensino para todos, passam a abraçar essa bandeira agora? De acordo com FREITAS (1992), as sucessivas crises do capitalismo internacional têm levado à busca de novas bases para o processo de acumulação do

capital, o que proporcionou a criação de um novo movimento político, que tem em uma de suas ramificações o Neoliberalismo:

A Nova Direita e o seu braço mais debatido no momento, o Neoliberalismo, são formas encontradas para redefinir o processo de acumulação capitalista contemporâneo. Os postulados básicos dessa nova (grifos do autor) filosofia social são: crença em um Estado forte, mas exercendo responsabilidades mínimas; crença na livre iniciativa, operando livremente em um mercado aberto internacionalmente; redução da ingerência do Estado sobre a forma como as pessoas conduzem a sua vida e a colocação do bem estar básico em mãos privadas; percepção de que todas as atividades são mercadorias e que têm um preço no mercado, inclusive a educação, preço este que é a medida real de seu valor; crença na insuficiência e insensibilidade das instituições (inclusive escolas) quando elas se distanciam da ação disciplinadora do mercado (p.148).

Assim, a educação passa a ser entendida como uma condição necessária à produção capitalista, sendo-lhe atribuída a função de agência formadora dos futuros e mesmo dos trabalhadores atuais (OLIVEIRA, op. cit.). Sua função seria a de transmitir certos conhecimentos e habilidades necessários para que as pessoas passem a atuar de forma

competitiva num mercado altamente seletivo e cada vez mais restrito. Nesta ótica, a educação deve garantir as funções de seleção, classificação e hierarquização dos postulantes aos futuros empregos. A lógica interna das instituições educacionais deveria pois, se caracterizar pela competição, criando desta forma a possibilidade de um mercado escolar competitivo, nos mesmos moldes da produção do *fast food* da rede McDonalds: "qualidade, serviço, limpeza e preço[...]" (GENTILI, 1996:54)

O que está sendo discutido por Oliveira e Gentili talvez possa ser entendido pelo que FREITAS (op. cit.:147) denomina de Neotecnicismo. Este autor alerta para o fato de que provavelmente estejamos assistindo ao engendramento de um neotecnicismo cuja palavra de ordem é eficiência. São propostas avaliações às escolas, ao professor, estando a distribuição de verbas e salários atrelados a tais avaliações. Uma metodologia pragmática e despolitizada é enfatizada para obtenção de melhores resultados em sala de aula. A escola deixa de ser entendida a partir de seus determinantes sociais e é

disseminada a idéia de que a escola vai mal porque lhe falta controle, eficiência, método, racionalização e treinamento de professores.

Tais alterações na organização social irão repercutir no interior da escola e na formação dos professores. FREITAS (Ibidem) argumenta que esse novo patamar tecnológico e as novas organizações criadas para o processo de trabalho no interior da produção passam a fazer novas exigências na formação do trabalhador. A especialização começa a ceder espaço para a flexibilidade e a separação das fases de produção perde terreno para a integração, pois é preciso que se formem trabalhadores com competência inter-pessoal:

É de se esperar que tais alterações na organização social capitalista determinem, a curto e médio prazos, alteração na organização do trabalho pedagógico, tanto na escola como em sala de aula. Esta é a origem das preocupações neoliberais com a qualidade de ensino.

Considera-se essa discussão pertinente, uma vez que, para refletir sobre a formação de professores, é preciso buscar uma visão de totalidade, entendendo que sua ação está diretamente

ligada a uma visão de mundo, de homem que deseja formar e, portanto, a uma opção política, consciente ou não, já que como afirma VASCONCELLOS (1995):

[...] através dela está interferindo no destino da Polis, contribuindo para a continuidade do que vem sendo historicamente ou para superar algumas de suas contradições, em direção a uma sociedade mais justa, livre e solidária. Isto não ocorre só com o professor, mas com qualquer profissional ou cidadão (p. 14)

A educação, que já atendeu de forma eficiente a sociedade burguesa, parece não conseguir os mesmos resultados com a nova população que invadiu as escolas com a democratização do ensino, a partir do início do século: XX.

Numa tentativa de encontrar soluções para o fracasso e a evasão escolar, buscam-se culpados: ora são os professores, ora os alunos, ora a família, ou ainda o contexto social em que a criança se encontra. Através da leitura de alguns autores que discutem estas questões, algumas reflexões podem ser levantadas.

O problema da formação de professores no Brasil, naturalmente não é atual nem simples de ser resolvida. Mesmo tendo clareza

dos limites desta discussão, neste artigo, é interessante que se pontuem alguns dados significativos sobre o tema. Esta atividade pode ser uma das formas de iniciar o exercício necessário para um melhor aprofundamento e compreensão das dificuldades e alternativas apontadas por diferentes pesquisadores na tentativa de minimizar o problema educacional do país.

De acordo com DEMO (1996), o Brasil representa uma das situações mais críticas no plano mundial, no que se refere tanto à forma de preparo e re-capacitação de professores como em relação ao rendimento escolar dos alunos. A avaliação do SAEB (Sistema nacional de avaliação Básica) tem revelado dados alarmantes sobre o baixo desempenho escolar e o despreparo assustador dos professores. DEMO (Ibidem), em consonância com outros autores, aponta o papel estratégico da educação e do conhecimento frente às oportunidades de desenvolvimento. Para ele, a educação passou a ser entendida como o principal fundamento da oportunidade de desenvolvimento, seja por razões sociais (cidadania), seja por razões econômicas.

No processo de produção, não adianta apenas reproduzir o conhecimento, porque o país que somente copia é, provavelmente, o mais alienado, o subdesenvolvido, o periférico. Em função disso é que se exige formação básica como critério essencial de competência moderna, a capacidade de renovar-se perante os desafios. Embora a especialização continue valorizada, o motor da produtividade é muito mais o “saber fazer”, do que o fazer simplesmente. O “saber pensar” e o “aprender a aprender” deixaram de ser *slogans* educativos clássicos para se tornarem as molas mestras da capacidade de intervir de modo constantemente inovador.

É preciso considerar o impacto da educação no sistema produtivo e começar pela possibilidade de mostrar que “educação é um investimento importante” e não apenas um gasto social de conseqüências duvidosas. É a partir da educação que se pode “aprimorar a base teórica sobre as condições de transformação social já que esta não se sustenta apenas em mudanças supra ou infra-estruturais, mas na interseção de

ambas”. (DEMO, *Ibidem*: 269)

Nesta ótica, poder-se-ia definir educação como o processo de formação da competência humana na história. É através da construção de uma consciência crítica, necessária para compreender sua situação histórica, que o ser humano poderá elaborar o confronto dialético com os obstáculos, em especial com a exclusão em direção a uma sociedade de sujeitos orientada para o bem coletivo comum. Já é consenso que, pra ser competente, o professor precisa se renovar no dia-a-dia, ou seja, reconstruir reflexivamente o conhecimento e colocar a serviço da cidadania. (MENEZES, 1986; CATANI, 1987; CHAMLIAN, 1988; FREITAS, *op. cit.*; DEMO, *op. cit.*)

Para que isso ocorra, é preciso, primeiramente, que se questione: quem é esse professor? Que instrumentos e habilidades possui ou de que necessita para trabalhar com competência? O que é ser competente?

De acordo com MENEZES (*op. cit.*) o professor “não precisa nem deve ser um mero ensinador

de coisas ou repetidor de aulas e de conhecimento”. A crise na Educação Brasileira está, em partes, associada à carência de significados de boa parcela da escolaridade básica. Aponta para a maioria dos professores despreparados – alguns oriundos de faculdades públicas, mas a grande maioria, de faculdades privadas, acabando por exigir um esforço especial e prolongado de recapacitação de professores. Argumenta ainda que o professor sem formação humanística e social é um professor incompleto e que cabe às Universidades repensar o perfil do professor que se quer formar.

Esses indicadores vêm sendo discutidos sob diversos prismas profissionais ligados à educação, desde o início do século XX (GUSDORF, 1967; PATTO, 1973; SNYDERS, 1977) tendo tomado força a partir de 1979 (CHALIAN, 1988; SANTOS, *op. cit.*; FREITAS, 1992; VASCONCELLOS, 1995; MENEZES, 1986; DEMO, *op. cit.*).

CHAMLIAM (*op. cit.*; 174-175) mostra que o professor em sua prática cotidiana nem sempre está

preparado para aceitar a população com a qual deve trabalhar. Concebendo-a muitas vezes como um perigo social, recorre à disciplina como um instrumento autoritário de punição e até de defesa contra o grupo, impedindo que se estabeleça uma relação pedagógica positiva entre ele e os alunos.

Partindo da análise elaborada por esta pesquisadora, duas questões primordiais devem ser levadas em consideração ao se discutir a formação docente. A primeira é de que a formação em si não é condição suficiente para a melhoria do ensino, uma vez que muitos outros fatores interferem nesse processo. A segunda, refere-se à compreensão de que a relação pedagógica é determinante no processo de construção do conhecimento. Sem dúvida essa relação, denominada por CHARNAY (1994) de “contrato pedagógico” e por FEUERSTEIN (1984) de “Experiência de Aprendizagem Medida (mediação internacional), que possibilita ao educador avaliar-se e refletir se realmente está alcançando os objetivos a que se propôs, possibilitando, ao mesmo tempo, aos alunos a oportunidade de se

posicionarem, construindo significativamente o conhecimento.

A efetivação de um trabalho de qualidade em relação ao conteúdo programático desenvolvido em sala de aula exige do professor competência teórica não só em sua área de conhecimento específica, mas também, relacionar esse conhecimento com o cotidiano vivido. Conhecer e refletir sobre os acontecimentos, ações e decisões que perpassam o contexto nacional e internacional e as relações e problemas decorrentes, ainda é um desafio a ser vencido no processo de formação deste profissional (TREVISANI, 1996). Enfim, sua formação teórico-prática deve refletir um projeto e um compromisso constante, tanto para com o aluno como para com a sociedade.

É preciso que o professor resgate sua identidade e adquira condições para empreender seu trabalho com competência técnica, política e teórica. Nesta ótica, os professores devem estar preparados para atuar na sociedade contemporânea onde se observam transformações profundas e vertiginosas e, ao mesmo tempo,

uma marginalização e pauperização crescente de uma parte significativa da população, agravando as desigualdades e os preconceitos e gerando medidas segregacionistas. Cabe às Instituições responsáveis por sua

formação vencer o desafio de transforma-los em agentes que se contraponham a crenças mistificadoras e à ideologia do natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATANI, D.B. A Formação de Professores e o Desempenho Pedagógico In: *escola Brasileira*, São Paulo: Atlas, 1987.
- CHAMLIAN, H.C. *A Relação Pedagógica e a formação do Professor*. São Paulo: FEUSP, 1988. (Tese de doutoramento).
- COSTA, M. Voraber et al. *Escola e Básica na Virada do Século*. São Paulo: Cortez, 1996.
- DEMO, P. Formação Permanente de Professores. In: *Professores: formação e profissão*. Campinas: Editores Associados, 1994.
- FEUERSTEIN, R. o Ser Humano tem limites?. In: *vivência*. F.C.E.E. v.15 n.2 (11-9), 1994.
- FREITAS, L.C. Conseguiremos Escapar ao Tecnicismo? In: *Escola Básica*. São Paulo: Ande-Anpede, 1992.
- GENTILI, A.A.P. SILVA, T.T. *Neoliberalismo: Quantidade Total e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUSDORF, G. *Professores para que?* Lisboa: Morais, 1967.
- MENEZES, L.C. formar professores: tarefa da Universidade. In: *Universidade, Escola e Formação de Professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- OLIVEIRA, D.A. A Qualidade Total na educação: os Critérios da economia Privada na Gestão da Escola Pública. In: *Educação e Trabalho no Capitalismo Moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- PATTO, M.H.S. *A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia*. São Paulo: IPUSP, 1987.
- RIFKIN, J. *Fim dos Empregos: O Declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SANTOS, B. *Pelas Mãos de Alice. O Social e o Político na Pós-modernidade*. Apontamentos, 1996.
- SCHIFF, M.A. *Inteligência Desperdiçada: desigualdade social, injustiça escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SNYDERS, G. *Escola, Classe e Luta de Classes*. Lisboa: Moraes, 1981.

SHON, A.D. *educating the Reflexive Practioner*. S.l: Mimeo. s.d.

TREISANI, M.L.L. *Hemeroteca pedagógica*. Projeto de Assessoria Pedagógica. Maringá: UEM, 1996.

VASCONCELLOS, C. *Para onde vai o Professor?* Resgate do professor como sujeito de Transformação. São Paulo: Libertad, 1995.

_____. *Construção do Conhecimento em Sala de Aula*. São Paulo: Libertad, 1995.